

HETEROGENEIDADE EM SALA DE AULA

Entendimentos das Orientadoras de Estudo do PNAIC

Valéria Alessandra Coelho Islabão

Juliana Mendes Oliveira Jardim

Marta Nörnberg

1. Introdução

Este trabalho apresenta entendimentos sobre heterogeneidade na sala de aula a partir da análise de produções escritas das orientadoras de estudo (OE) do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). Resulta de projeto de pesquisa vinculado ao Observatório da Educação/CAPES, que tem como um de seus objetivos acompanhar esse processo de formação continuada, analisando suas repercussões na formação e melhoria das práticas pedagógicas no ciclo de alfabetização.

O PNAIC é um programa do governo federal em parceria com as redes públicas de ensino. As atividades de formação são realizadas por instituições públicas de ensino superior (IES), que são responsáveis pela formação dos orientadores de estudo que, por sua vez, conduzem os estudos com as professoras alfabetizadoras em suas respectivas redes de ensino.

Essa proposta tem como balizador teórico a ideia de que a formação precisa ocorrer por dentro da escola (NÓVOA, 2009). Para isso, as práticas formativas contemplam a interação e o diálogo entre sujeitos que atuam na universidade e na escola, entendendo que, “não haverá nenhuma mudança se a ‘comunidade dos formadores de professores’ e a ‘comunidade dos professores’ não se tornarem mais permeáveis e imbricadas” (p. 17). Outro aspecto é a prática do registro como estratégia formativa de desenvolvimento da profissionalidade docente. Por meio do registro, o professor pode ampliar sua capacidade de reflexão sobre a ação, além de sistematizar e socializar sua produção didática, de forma articulada com a discussão teórica do campo em estudo.

Neste trabalho, são analisados textos escritos pelas orientadoras de estudo sobre a temática da heterogeneidade em sala de aula. O objetivo é o de apresentar uma categorização inicial sobre o que entendem por heterogeneidade, especialmente no que se refere às compreensões e a sua posição sobre o trabalho com a diversidade e a diferença em sala de aula, lançando alguns questionamentos para sua problematização.

O tema heterogeneidade é abordado nos cadernos de formação do PNAIC (BRASIL, 2012). Entendida como “algo inerente às relações humanas”, apresenta a diversidade humana como “constituente da essência do indivíduo e não à margem da mesma”. Indica-se que é preciso reconhecer que todos os aprendizes possuem conhecimentos distintos sobre o sistema de escrita alfabética, leitura e produção de texto e necessidades diferentes, tendo direitos de realizar as aprendizagens condizentes ao ano/série em que estão matriculados. Cortesão (1998) explica que a heterogeneidade presente nas salas de aula precisa ser vista “como uma fonte de riqueza” capaz de produzir resultados em relação ao processo de ensino aprendizagem.

2. Metodologia de pesquisa

Os textos foram coletados ao longo da formação conduzida pela equipe da IES responsável pelo PNAIC. Nos encontros, as formadoras organizavam situações formativas com proposição de questões para mobilizar a reflexão e a escrita. Em relação à temática heterogeneidade, foram indicadas as seguintes questões: “O que tu entendes por heterogeneidade na sala de aula de alfabetização, pensando no ensino e na aprendizagem? Como trabalhar a partir dela?”

Até o mês em que foi feita a produção (outubro/2013), as OE já tinham participado de 88 horas de formação, das 200 previstas, e realizado leituras e estudo dos cadernos de formação em que a temática heterogeneidade estava presente como eixo teórico-metodológico de organização da prática pedagógica no ciclo de alfabetização.

Os textos coletados estão organizados em um banco de dados que possui 3.405 documentos. Destes, 443 versam sobre o tema heterogeneidade. Neste trabalho, realizamos a análise parcial de 27 textos de uma das turmas de OE, cursistas do PNAIC.

Para examinar os textos, buscamos apoio no método de análise temática (MINAYO, 1993) e de conteúdo (MORAES, 1999). Ambas perspectivas fornecem pistas metodológicas para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de textos e documentos, ajudando a reinterpretar a mensagem e a alcançar uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum.

3. Discussão dos dados

Demarcamos dois eixos para a análise dos textos: a) entendimentos de heterogeneidade; b) posições sobre a heterogeneidade em sala de aula. Para definir as categorias, considerou-se a incidência de respostas semelhantes.

3.1. Entendimentos de heterogeneidade

Verificamos que os entendimentos de heterogeneidade eram bem variados. Alguns textos apresentam a heterogeneidade presente em características diferentes dos alunos; outras dão à heterogeneidade uma dimensão maior, apontando vários sentidos para caracterizar a diversidade dos alunos. Com base nesses aspectos, estabelecemos as 4 categorias:

1ª categoria – Noção ampla

Em 50% dos textos analisados (14), os registros explicitam diferentes significados para heterogeneidade, reunindo mais de uma noção/característica dos alunos do ciclo de alfabetização. Explicam que as classes são heterogêneas quando são constituídas por crianças com diferentes bagagens culturais, aprendizagens, ritmos, personalidades, nível de escrita, grupos étnicos, classe social.

Em alguns textos, a explicação sobre heterogeneidade reúne dois ou três significados, denotando entendimento de que o nível de conhecimento que as crianças têm e seus diferentes meios sociais, ritmos e formas de aprendizagem são características da heterogeneidade na sala de aula. Entre os textos das docentes que apresentam três significados, há referências ao nível conceitual de hipóteses de escrita das crianças, diferentes conhecimentos, níveis de maturidade, diferenças na personalidade, nas vivências, nos ritmos e formas de aprender.

Outro conjunto de textos indica a heterogeneidade com características que envolvem 4 ou mais acepções; percebe-se que o entendimento é marcado pela explicitação de dimensões relacionadas à diversidade de saberes, vivências, etnias, idades, classes sociais, níveis de escrita, aprendizagens anteriores, desenvolvimento cognitivo, bagagem cultural, ritmos e formas de aprendizado, ou seja, nas condições individuais de cada sujeito. Vejamos um excerto ilustrativo: “Por heterogeneidade entende-se a diversidade de saberes, vivências, etnias, idades, classes sociais, níveis de escrita, condições individuais de cada sujeito”. (OE, 2013)

2ª categoria – Noção restrita

Nessa categoria, os textos (35%; 9) versam sobre a heterogeneidade de uma forma mais restrita, com apenas um entendimento. Metade dos textos citam a diferença nas aprendizagens de cada criança; a outra metade é composta por quem vê a heterogeneidade nas hipóteses de escrita das crianças e na presença de alunos com necessidade educacional especial.

3ª categoria – Sugestões de trabalho

Esta categoria reúne textos (7,5%; 2) em que formas de trabalho são sugeridas, indicando abordagens pedagógicas, como o trabalho em grupo e a diversificação de atividades. Apesar de não definirem o que entendem por heterogeneidade, as OE indicam estratégias pedagógicas para o trabalho a partir dela e percebem a presença da heterogeneidade no ciclo de alfabetização e sua influência no trabalho pedagógico.

4º categoria - Chavões e ideias evasivas

A última categoria engloba textos em que não se escreve sobre a temática proposta, representando 7,5% (2). São escritas evasivas ou chavões, como: “Diversidade é a cara do Brasil!”

3.2. Posições sobre a heterogeneidade em sala de aula

Observamos que os textos indicavam o posicionamento da OE em relação ao trabalho com classes de alfabetização heterogêneas e pouco sobre como trabalhar a partir dela. Os textos refletiam sobre a heterogeneidade como um “facilitador” ou um “dificultador” do trabalho pedagógico. Para isso, mapeamos termos e expressões recorrentes que eram indicativas de certo posicionamento diante do assunto, como: “um problema”; “muito difícil”; “pode proporcionar”; “temos que aproveitar”; “precisamos valorizar”; “é uma possibilidade”. Porém, no conjunto de textos, uma terceira categoria foi inferida, a da posição neutra.

1º Categoria – Posição neutra

60% dos textos (16) apresenta uma posição neutra, ou seja, não explicitam se consideram a heterogeneidade presente nas classes de alfabetização como algo que facilita ou dificulta o trabalho pedagógico. Em alguns textos (12%; 3) não se escreve sobre como trabalhar com a heterogeneidade, mas citam-se estratégias de trabalho e sugestões de atividades. O trabalho em grupo e a diversificação de atividades, temas amplamente abordados pelo programa, são descritas. Um exemplo:

Temos que garantir a aprendizagem na diversidade, a partir de diferentes formas, que possam atingir a todos. Trabalhar em grupos, com atividades diferenciadas, de acordo com os níveis. Trabalho de “monitoria” com aqueles alunos que apresentam mais dificuldades. É necessário um trabalho sistemático e bem planejado para atender essa diversidade que sempre encontramos em sala de aula. (OE, 2013)

2º Categoria – Dificultador

10% (3) dos textos falam sobre a heterogeneidade como algo que dificulta o trabalho em sala de aula. As produções falam sobre a dificuldade de “suprir essa demanda” e

transparecem o quanto a consideram uma sobrecarga, uma tarefa difícil e/ou cansativa. Vejamos:

Essas diferenças, comuns em qualquer sala de aula, são desafios para o professor, ao promover uma aula que gera entusiasmo e interesse a todos, pois como apresentam opiniões diferenciadas, receptividades também diferenciadas sobre um mesmo assunto, e certamente irão reagir da mesma forma, positiva ou negativamente. Cabe ao professor, com a finalidade de gerar integração, propor atividade de gerar integração, propor atividades onde os alunos deverão trocar informações, discussões e formar conceitos únicos. (OE, 2013)

3º Categoria – Facilitador

Em 30% (8) dos textos a heterogeneidade é entendida como facilitador do trabalho pedagógico, ferramenta à serviço do ensino, explicando que a diversidade proporciona possibilidades educativas. É um trabalho desafiante, mas também rico de possibilidades, pois “proporciona formas mais criativas de ensinar”, “favorece conflitos e a ajuda mútua”, porque “essa diferença é que proporciona formas mais criativas de aprendizagem”.

4. Considerações finais

Algumas indagações para continuar: Será que o discurso do direito à educação como algo que exige respeitar diferentes formas e ritmos de aprendizagem está no imaginário dos profissionais da educação e presente no cotidiano da sala de aula? Por que educadores percebem a heterogeneidade apenas em turmas com alunos com necessidades especiais? Seria homogênea uma turma em que não há alunos com necessidades especiais?

Percebemos que, em geral, existem ambiguidades, contradições e complementariedades entre os textos, e numa mesma produção. As professoras que tem uma visão mais ampla de heterogeneidade não são necessariamente aquelas que a veem como um facilitador do ensino. Da mesma forma, aquelas que a veem como um dificultador não são as que tem uma visão restrita do tema, ao conceituá-la.

Considerando a análise dos textos e a complexidade do tema, entendemos que este merece atenção em cursos de formação inicial e continuada. De igual forma, precisa continuar pautando os processos de formação do PNAIC, priorizando discussões no campo conceitual e didático.

5. Referências

BRASIL. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: Cadernos de Formação**. Brasília: MEC, SEB, 2012. (Volumes 1 a 8)

CORTESÃO, L. O arco-íris na sala de aula? Processos de organização de turmas: Reflexões Críticas, **Cadernos de Organização e Gestão Curricular**. Lisboa: Editora Instituto de Inovação Educacional. 1998. p. 1-15.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 2.ed. Rio de Janeiro: Hucitec, 1993.

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

NÓVOA, A. **Professores**. Imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009.